

## A SUPERAÇÃO DA ORDEM EM ÉSQUILO NA PEÇA PROMETEU ACORRENTADO

**Marcos Maestri**  
**Mestrando em Educação no Departamento de**  
**Fundamentos da Educação pela**  
**Universidade Estadual de Maringá**

**Resumo:** Trata-se, aqui, da investigação de como o autor trágico, Ésquilo, na peça Prometeu Acorrentado, percebeu a *superação da ordem* na passagem do período arcaico para o período clássico na Grécia. Ao mesmo tempo, notar como a *arte (literatura) é uma expressão da vida dos homens* na luta pela sobrevivência.

**Abstract:** This article is about the investigation of how the tragic author, Esquilo, in the play Prometeu Acorrentado (Chained Prometheus), realized the prevailed over of the order through the passage from the archaic period to the classic in Greece. At the same time, to notice how art (*literature*) is the expression of men's life in the fight for surviving.

### Introdução

Nosso interesse, ao proceder à análise da obra trágica do Ésquilo, PROMETEU ACORRENTADO (ou Prometeu Agrilhado como é visto em alguns livros), é tentar entender como o autor percebeu a superação da ordem na passagem do final do período arcaico para o período clássico na Grécia (séculos VI e V a.C.). Como o escritor captou a transição do poder tirânico para o poder democrático, ocorrido nessa passagem.

O texto em estudo foi indicado para análise na disciplina de fundamentos históricos e

filosóficos I, ministrada pela professora doutora Lizia Helena Nagel, no curso de mestrado em Fundamentos da Educação na Universidade Estadual de Maringá. O primeiro contato com a obra não elucidou muita coisa. Não conseguimos penetrar na essência do texto, nem captar os verdadeiros problemas e necessidades descritas pelo autor. A partir dos tópicos levantados pela professora da disciplina, a peça pareceu-nos uma "mina de ouro" que nós nem imaginávamos. Diante disso, retomamos a leitura e começamos a perceber as necessidades, as questões, as lutas dos homens numa época em que a

sociedade iniciava o processo democrático como meio de organização socioeconômica. Também fomos em busca de literatura sobre o assunto como comentários, análises, estudos sobre a tragédia grega, especialmente, de Ésquilo (vide Referências Bibliográficas). Todas as análises apontam que o gênero dramático foi muito marcante na Grécia, especialmente, no período aqui em estudo. As autoras Ligia da Costa e Maria L. R. Remédios descrevem que

*"o teatro dramático teve sua origem na Grécia antiga e caracteriza-se por apoiar-se na identificação que se estabelece entre o público espectador e o problema apresentado na ação encenada. No teatro grego ou aristotélico, o espectador, por empatia, sofre a tensão, chegando ao desfecho. Quando a tensão se desfaz, o público alcança a catarse que libera as emoções. Esse tipo de teatro corresponde, em sua forma mais pura, ao século Va.C.<sup>1</sup>"*

Essa citação traz dois elementos que são fortes na tragédia: a) a empatia, que é a tendência para sentir o que sentiria caso se estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outra pessoa. Ou seja, a capacidade de sentir o que outra pessoa está

sentindo sem se imiscuir com ela; b) a catarse, que seria o momento, digamos assim, da limpeza, da purificação, do desabafo. Além desses elementos, para as autoras supra citadas, apontam-se que

*"a articulação entre humano e divino... comprova o conflito entre o pensamento racional e o mítico, o que demonstra que o domínio da tragédia se localiza onde os atos humanos se articulam com os deuses"<sup>2</sup>.*

Para Albin Lesky, o gênero trágico caracteriza-se pelo uso da máscara, que é a essência da representação dramática, a metamorfose; o coro, representando a coletividade dos cidadãos; e o herói trágico, que reduplica os valores religiosos, políticos, aristocráticos questionados na época<sup>3</sup>.

Esse gênero se acentuou entre os gregos no começo do século V a.C. (480a.C.), quando estava eclodindo a segunda guerra greco-pérsica.

*"É em torno desta data que os historiadores colocam o nome dos três dramaturgos trágicos, os mais*

<sup>1</sup> A Tragédia - p. 5 - grifos nossos.

<sup>2</sup> id. ibid., p. 9

<sup>3</sup> cf. TRAGÉDIA GREGA, p 49

*notáveis de todos os tempos - é que os três tiveram alguma vinculação com a batalha naval de Salamina. Ésquilo, o mais velho, combateu com vigor patriótico; Sófocles, curiosamente, faria parte de um coro de peça teatral que comemorava a vitória; e Eurípedes nasceu exatamente durante aquela batalha"<sup>4</sup>.*

A Ésquilo são atribuídas inúmeras obras. Mas, só chegaram sete (ou seis para alguns escritores) até nós. O que nos interessa e será analisado aqui é a obra PROMETEU ACORRENTADO.

Ésquilo nasceu em Elêusis, subúrbio de Atenas, por volta do ano 525a.C. Era descendente de família nobre e teve educação esmerada, realizando viagens por várias regiões da Grécia e pela Sicília, onde conheceu o famoso tirano Dionísio, de Siracusa. Combateu em várias batalhas como a de Maratona, de Salamina e de Platéia. Essa experiência deixou marcas profundas, como veremos mais adiante. Ele é "*considerado o criador da tragédia grega*" pelas autoras supra citadas. A obra mais antiga é AS SUPLICANTES.

*"Nela, suscitava principalmente a participação sentimental*

*dos espectadores por meio das lamentações do coro. Voltando sua atenção para os abalos que o destino, enviados pelos deuses, produzia na vida dos homens, Ésquilo intensificou o valor da representação das ações na tragédia e inovou o gênero, introduzindo na cena em segundo ator, que determinou a presença do diálogo"<sup>5</sup>.*

Quanto à nossa abordagem, concordamos e adotamos o princípio defendido pela professora e doutora Lizia H. NAGEL, orientadora desse texto, que *toda arte (literatura, música, poesia, pintura, escultura...) expressa a produção da vida*. Isso significa dizer que independentemente das escolas, estilos, épocas às quais pertençam os "artistas", a arte retrata as preocupações, as lutas, as dúvidas, a sinalização de verdades, os problemas de uma determinada época frente ao esforço na produção da vida. Ou seja, "artistas" aqui não são só os ligados ao mundo do teatro ou ao da telenovela como conhecemos hoje. Mas, todos aqueles que estão envolvidos na compreensão da realidade, sejam eles pintores,

<sup>4</sup> Ésquilo, 1988, p.5

<sup>5</sup> op. cit., p. 11- grifos nossos

filósofos, escultores, músicos, poetas etc.

Nesse sentido, no texto do PROMETEU ACORRENTADO, o autor está trazendo conflitos, lutas, vitórias, problemas, necessidades da sociedade grega na passagem do século VI para o século Va. C. Como diz Sônia Barroco, no seu artigo,

*"esse encaminhamento exige que a idealização artística seja percebida como vinculada com a dinâmica mais ampla da sociedade. Pensar a arte dessa forma implica em se questionar sobre quais problemas têm invadido a cabeça dos homens, independentemente dos seus ofícios"*<sup>6</sup>.

Tendo colocado a questão em discussão, o gênero da tragédia como meio para penetrar no "espírito" de uma época e descrito o enfoque de análise, passemos à compreensão da obra.

### **Situando o leitor**

Para que possamos acompanhar a análise, transcreveremos, sinteticamente, um pequeno resumo da obra, feito por J. B. Bello e Souza nas notas introdutórias ao texto:

*"Segundo a 'Téogonia', Júpiter, ao assumir o governo do universo,*

*tornando-se deus supremo, cogitava de conservar a espécie humana em uma condição próxima da animalidade irracional, senão destruí-la, substituindo-a por outra, de sua criação. Contrariando, porém, os desígnios da suprema potestade, o titã Prometeu, condoído da sorte da humanidade, consegue apoderar-se de uma faísca do fogo celeste, com o que dotou o homem da razão, e da faculdade de cultivar a inteligência, as ciências e as artes. Como punição por esse crime, ordena Júpiter que Prometeu seja acorrentado a um rochedo, na inóspita região da Cítia (Cáucasso) e ali permaneça pelos séculos adiante, a menos que consinta em revelar, aos emissários do irritado neme, os segredos terríveis que só ele conhece, e que permitiriam a Júpiter devassar os mistérios de seu próprio futuro e evitar uma queda semelhante à que causou a ruína de Cronos (Saturno), seu pai e antecessor no domínio do orbe. Prometeu, porém, conhecedor desses arca nos do 'Patum'(seu nome significa: 'o que prevê') - resiste aos mais atrozes sofrimentos, como imortal que é, procedendo com uma altivez extraordinária, sem proferir um só queixume enquanto Vulcano, cumprindo as ordens de Júpiter, o prende, por meio de cadeias indestrutíveis, ao inacessível*

<sup>6</sup> 1996, p. 136- grifos nossos

*ao inacessível penedo. O 'Poder' (Krakós), que determina e fiscaliza a execução dessas ordens cruéis, instiga e ameaça o próprio Vulcano, que se mostra penalizado pela tortura a que, bem a seu pesar, está sujeitando a um deus, seu parente. Retiram-se os deuses, enviados por Júpiter (inclusive a Violência, personagem mudo) - e só então Prometeu solta os seus brados de revolta e desespero, na solidão em que se encontra".<sup>7</sup>*

Em seguida, entram outros personagens como as Ninfas, filhas do Oceano, a quem lhes conta o que fizera e explica a razão do suplício a que fora condenado. O próprio Oceano também aparece para confortá-lo e, se o Prometeu tiver prudência e quiser se submeter aos desígnios de Zeus, ele irá intervir junto do Senhor do Olimpo em favor dele. Mas, Prometeu rejeita todo o esforço do Oceano. Também toma parte da trama a sacerdotisa Io, filha de Ínaco, rei de Argos.

Finalmente, no último ato, o próprio Mercúrio, filho e emissário de Júpiter, vem ter junto ao condenado e renovando as ameaças tremendas do deus supremo, tenta arrancar do acorrentado titã

os segredos que ele conhece e guarda. Mas, esse esforço foi inútil. O herói resiste. Diante do convencimento do Prometeu, Mercúrio traz a última determinação do irado deus: ele teria seu suplício aumentado pelo abutre que viria, diariamente, devorar-lhe o fígado, até que um raio, expedido por Júpiter, precipitasse nos abismos do tártaro o acorrentado prisioneiro. E com o comovente brado de Prometeu, presciente da catástrofe, termina a tragédia.

É importante notar que, em toda a trama, a ênfase esquiliana recai sobre os sentimentos, as emoções, os conflitos internos dos personagens e não tanto sobre os acontecimentos.

Feita essa rápida síntese sobre a peça, prosseguiremos à análise, tentando investigar como o autor retrata a superação da ordem.

Está claro aqui que o Ésquilo, através dessa peça, estava trazendo a vida dos homens da sociedade grega. Era um período de fortes conflitos e lutas internas e externas à Grécia e ocorrendo

<sup>7</sup> vide Sófocles y Ésquilo, pp. 23ss

transformações em vários setores. A Grécia já havia passado pela vivência política da Monarquia, da Oligarquia (Aristocracia) e estava na transição da Tirania para a Democracia.

A colonização, provocada pela primeira diáspora, havia ampliado os horizontes do mundo grego. Comerciantes e artesãos tornaram-se cada vez mais numerosos e subiram na escala social. Passaram a fazer oposição à oligarquia dos eupátridas (grandes proprietários de terras férteis, cultivadas por escravos, rendeiros e assalariados). Essa oposição vinha dos homens enriquecidos pelo comércio que queriam participar do governo e dos pobres que reivindicavam a abolição da escravidão por dívida e a repartição das grandes propriedades.

A crise se agravava porque a aristocracia não tinha mais o monopólio do poder militar. Ela começou a sofrer pressões de todos os lados, forçando a fazer reformas. Surgiram os legisladores como tentativa de solução reformista para a crise política ateniense. O primeiro foi Drácon que foi considerado muito rígido. Sólon foi chamado para resolver o conflito. Sua intenção foi

estabelecer uma justiça correta para todos, isto é, uma justiça baseada na igualdade de todos perante a lei. Essas reformas lançaram os fundamentos do regime democrático, assumidos mais tarde.

Devido às várias rivalidades internas, as reformas de Sólon não puderam ser aplicadas. Isso permitiu o surgimento de homens que tomaram o poder à força, ou seja, os tiranos. Psístrato e seus filhos foram os maiores representantes da tirania que governou de 560 à 510 a. C. Dois anos depois, Iságoras, aristocrata nomeado arconte, começou a restaurar os privilégios da aristocracia. Encontrando forte reação popular, pediu ajuda aos aristocratas de Esparta. Clístenes, um democrata progressista, conseguiu vencê-los e iniciando uma série de reformas ditas democráticas.

Após um período de estabilidade e consolidação interna, Atenas teve de se preparar para enfrentar os inimigos externos: os persas. Iniciava o período clássico e as guerras médicas. Esse foi o período em que Ésquilo cresceu, viveu e lutou como cidadão e soldado, defendendo sua pátria.

Isso é verdade, já que o reconhecimento está na sua esfinge, sendo notificado mais como soldado do que como escritor.

As lutas, as rivalidades, as necessidades do povo ateniense de defender seu espaço, combater o poder aristocrático interno em favor da maioria e as ameaças externas, vindas dos persas, montam o cenário do Prometeu Acorrentado. Ésquilo não se ateuve ao fatos ou acontecimentos, mas aos sentimentos, às emoções, aos conflitos internos vividos na passagem do regime aristocrático (tirano) para o regime democrático. Como afirma Lesky:

*"a tragédia esquiliana pressupõe a fé numa ordem justa e grandiosa do mundo e sem esta ordem resulta inconcebível. O homem trilha seu caminho árduo, e muitas vezes cruel, através da culpa e do sofrimento, mas é o caminho determinado pelo deus, a fim de levá-lo ao conhecimento de sua lei. Tudo provém da vontade do deus: aos deuses tudo é simples. Sentada a mente divina no cimo do céu, executa dali todos os seus desígnios sem mover-se de seu trono de glória (Suplicantes, 100)"<sup>8</sup>.*

Embora aja um esforço enorme

por parte dos homens em desvincular-se da influência dos deuses, de assumir o próprio destino nas mãos, Ésquilo deixa entrever ainda a imaturidade humana de ser responsável pelo seu caminho.

Na peça, a ordem, o poder de Zeus é muito explícito e é algo intocável. Quem ousar desafiá-lo, não escapará ao sofrimento, ao desprezo como aparece no diálogo com Hefesto:

*"Debalde exalarás gemidos e ais sem fim, porque inexorável é o coração de Zeus, todo poder recente é implacável... todos os quinhões foram negociados, menos o de comandar os deuses; ninguém é livre senão Zeus"<sup>9</sup>.*

Com certeza, Ésquilo estava se referindo ao poder dos tiranos que ditavam as regras, as leis sociais. Detinham "a racionalidade humana" (fogo), isto é, sabiam o que era bom para os homens (ou para eles). Desafiar esse poder era ser alvo de perseguição e passar por sofrimento representado pelo exílio e pelo ostracismo, muito

<sup>8</sup> op.cit., p.117 - grifos nossos

<sup>9</sup> Prometeu Acorrentado in Teatro Grego, São Paulo - Ed. Cultrix

comum no período da tirania. Como ilustra a seguinte passagem:

*“Põe-lhe as cadeias em torno dos braços, martela com toda força e prega-o no rocha... Bate mais forte, apertada, não deixes folga; ele é hábil em descobrir saídas até onde não existem”*<sup>10</sup>.

Segundo Ésquilo, a transformação da ordem passava pelo caminho da dor, da solidão, do desprezo, do isolamento, da crise, da contradição, das críticas alheias. A velha ordem (Aristocracia) não queria perder seus privilégios, seu poder de comando. Por outro lado, a nova ordem (comerciantes, escravos com sede de libertação...) almejava maior poder político. Era preciso "dividir o poder", quebrar os monopólios para circular mais livremente e poder trocar também com menos empecilhos. Neutralizar o poder tirano que mantinha o povo na "irracionalidade" e despertar para a "racionalidade" (símbolo do fogo) dos homens para que pudessem abrir as mentes para a nova ordem: A Democracia.

Mas esse processo de mudança não aconteceria de maneira rapidamente e nem de modo tranqüilo. Era preciso ter espe-

rança, confiar que o coração de Zeus um dia se abrandaria. É como revela o diálogo do Prometeu com o Coreuta:

*"Mas, juro-o, apesar do ultraje destas peias brutais, um dia o chefe dos bens aventurados precisará de mim, para a revelação do novo decreto do Destino, que lhe arrebatará o cetro e a majestade... Sei que ele é cruel e tem à sua descrição o direito. Todavia seu coração, imagino, se abrandará um dia, quando sofrer o revés a que aludi; então, acalmada a cólera implacável, virá ansioso ao encontro de meus anseios, em busca de minha aliança e amizade (...) Dia virá em que Zeus se há de humilhar, a despeito de toda a arrogância de seu coração por efeito das bodas que se apresta para celebrar"*<sup>11</sup>.

### Conclusão

Crer que arte é um veículo para expressar a vida dos homens numa determinada época foi o princípio que norteou todo o trabalho até aqui. Ésquilo, ao montar sua peça teatral, não estava abstraíndo seus

<sup>10</sup> id. ibid. p. 20

<sup>11</sup> Prometeu Acorrentado, pp. 22 e 39 - grifos nossos



personagens seus diálogos de sua mente. Não era um delírio, mas um "retrato" da luta dos homens que se organizavam para prover a sua sobrevivência. Não havia mais espaço para tiranos e submissos. Era preciso mais liberdade, mais participação política dos cidadãos para que o comércio pudesse ocorrer não só internamente, mas com outros povos. A diáspora ampliou os horizontes dos gregos. Os homens precisavam "acordar" para essa nova realidade. Participar na definição dos novos rumos da sociedade e não apenas se submeter às decisões de tiranos.

Essa participação tinha seu preço: passar pelo sofrimento. Ousar desafiar o poder instituído implicava, muitas vezes, perseguição, condenação, abandono, solidão... Mas, era o único caminho para ver dias melhores, confiar que esse poder absoluto, um dia, seria vencido. Para *Ésquilo*, a superação da ordem seria lenta, mesmo que colocando os homens numa perspectiva de conquista de autonomia, a transformação seria um processo vagaroso. Seu personagem principal, Prometeu, embora, tendo tomado a iniciativa

de "roubar o fogo dos deuses" e entregá-lo à humanidade, aparece muito sofrendo, sendo a vítima do crime. Desafiar o poder instituído foi um grande passo, mas, não era tudo. Ainda faltava o grito final de libertação.

Em *Ésquilo*, percebemos que os homens estavam "despertando" da submissão, da influência do destino traçado pelos deuses e colocando-se a caminho para maior participação política. Já em Sófocles e Eurípides os homens aparecem mais emancipados, mais atuantes, mais autônomos, mas isso é assunto para uma próxima reflexão.

#### **Referências Bibliográficas:**

BARROCO, Sonia M. Shima. O *Alienista: Em Questão o Confinamento do Doente Mental*. in *Psicologia em Estudo*, Ano I, vol 1, nº 1, pp133-169, 1996.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro Grego: Tragédia e Comédia*, 2.º ed. ed. Vozes, 1984.

BRUNA, Jaime. *Teatro Grego:*

- Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes, col. Clássicos Cultrix, ed. Cultrix, SP.
- COSTA, Ligia M. da y Remédios, Maria L.R. A Tragédia - Estrutura e História, série Fundamentos, ed. Ática, 1988.
- ÉSQUILO. A Trilogia de Orestes, col. Universidade de Bolso. - ed. Ediouro, 1988.
- KITTO, H.D.F. Tragédia Grega: Estudo Literário, I Volume, Col. Studium, Armenio Amado - Editor, Sucessos - Coimbra, 1972.
- LESKY, Albin. Tragédia Grega, col. Debates, ed. Perspectiva, 2.º ed., S.P. 1976.
- NAGEL, Lizia Helena, *Um Modo de Pensar a Humanidade fazendo Arte. in Anais Outras Palavras*, Departamento de Letras da UEM.
- \_\_\_\_\_. *Prometeu Acorrentado ou o Retorno da Tragédia. in Universidade e Sociedade*, UEM, 1981.
- SÓFOCLES et ÉS QUILO. Rei Édipo, Antífone e Prometeu Acorrentado, (tragédia grega), col. Universidade, ed. Ediouro, Prefácio, tradução e notas de J.B. Mello e Souza.
- VERNANT, Jean-Pierre. As origens do Pensamento Grego, Difusão Européia do Livro, SP, 1972.